

MARIA CLARA MACHADO



O FANTASMINHA

Ilustrado por Maria Clara Machado





Copyright © MCM — Maria Clara Machado Produções Artísticas Ltda.

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Editora Nova Fronteira S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

Editora Nova Fronteira S.A.
Rua Bambina, 25 – Botafogo – 22251-050
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (21) 2131-1111 – Fax: (21) 2286-6755
<http://www.novafronteira.com.br>
e-mail: sac@novafronteira.com.br

Editoras responsáveis
Izabel Aleixo
Daniele Cajueiro

Revisão
Ana Carla Sousa
Marília Lamas
Phellipe Marcel

Digitalização e tratamento das imagens
Trio Studio

Diagramação
Ilustrarte Design e Produção Editorial

Impressão
Ediouro Gráfica

Produção de ebook
S2 Books

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M129p Machado, Maria Clara, 1921-2001
12. ed. Pluft, o Fantasminha / Maria Clara Machado;
ilustrações Graça Lima. – 12.ed. – Rio de Janeiro :
Nova Fronteira, 2009.

ISBN 978-85-209-3788-4

1. Literatura infanto-juvenil brasileira. I. Lima,
Graça. II. Título.

CDD: 028.5
CDU: 087.5

MARIA CLARA MACHADO



PLUFT

O FANTASMINHA

ILUSTRAÇÕES GRAÇA LIMA

12ª edição



EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

Sumário

[Capa](#)

[Ficha catalográfica](#)

[Folha de rosto](#)

[O TESOURO](#)

[OS FANTASMAS](#)

[AS DUAS HISTÓRIAS SE ENCONTRAM](#)

[FALA DO MARINHEIRO PERNA DE PAU](#)

[CONVERSA DE PLUFT E MARIBEL PARA DISFARÇAR O MEDO](#)

[DISCURSO DE DESPEDIDA DA MÃE FANTASMA NO EMBARQUE DO FILHO PARA O MUNDO](#)

[A autora](#)

[A ilustradora](#)





Esta é uma história de duas histórias.

História de marinheiro e piratas e história de fantasmas.

Duas histórias que um dia se encontraram no sótão de uma casa perdida numa praia perdida de uma terra longe.

A verdade é que a casa não era tão perdida assim...

No tempo em que o mundo tinha piratas; piratas daqueles que hoje a gente só vê no cinema ou nos livros...

(Esta história não trata de piratas modernos; eles só eram modernos naquele tempo.)

... Bem, neste tempo antigo, aquela casa era a casa de um bom e velho capitão de navio chamado Capitão Bonança Arco-Íris. O capitão, que vivia sozinho, tinha uma neta chamada Maribel, seu maior tesouro.

Um dia o navio dele afundou e ele morreu.

Antes de morrer, disse para seus melhores marinheiros, que eram três: — Cuidem de meu tesouro — e morreu.





O TESOURO

Os três marinheiros choraram a morte do velho e ficaram pensando no tesouro. Tinham encontrado um mapa dentro da Bíblia do capitão e resolveram seguir o mapa em busca do tesouro.

Acontece que o Perna de Pau, um marinheiro muito sem caráter e também ambicioso, ouviu as últimas palavras do velho Bonança e deste dia em diante não pensava noutra coisa senão no tesouro do velho.

Queria o tesouro, que devia estar na velha casa desenhada no mapa, e queria também a neta, para casar com ela e virar homem de bem.

De tanta ambição e vontade de ter tudo sem se esforçar, um dia foi roubar chocolate na cozinha do navio, tropeçou num carço de abacate, levou um tombo, quebrou a perna, e como não havia médico a bordo para costurar a perna no corpo dele, a perna foi jogada ao mar para os peixes comerem. E ele, coitado...

Teve que gastar todas as economias que tinha ajuntado, roubando cofres das igrejas, para comprar uma perna de madeira (não sei bem se comprou uma perna de pau-brasil ou de jacarandá, mas isto não tem importância).

Pois bem, João, Julião e Sebastião eram os três marinheiros. Eram bons, fiéis, amigos, simpáticos, mas meio brancos. Não entenderam que o tesouro do velho capitão era sua neta Maribel. Sabiam que tinham de proteger a menina, mas acharam também que precisavam ir à velha casa da praia buscar um tesouro. Tesouro para gente meio branca só pode ser dinheiro.

E lá foram eles em busca do tesouro para darem à neta de seu capitão!

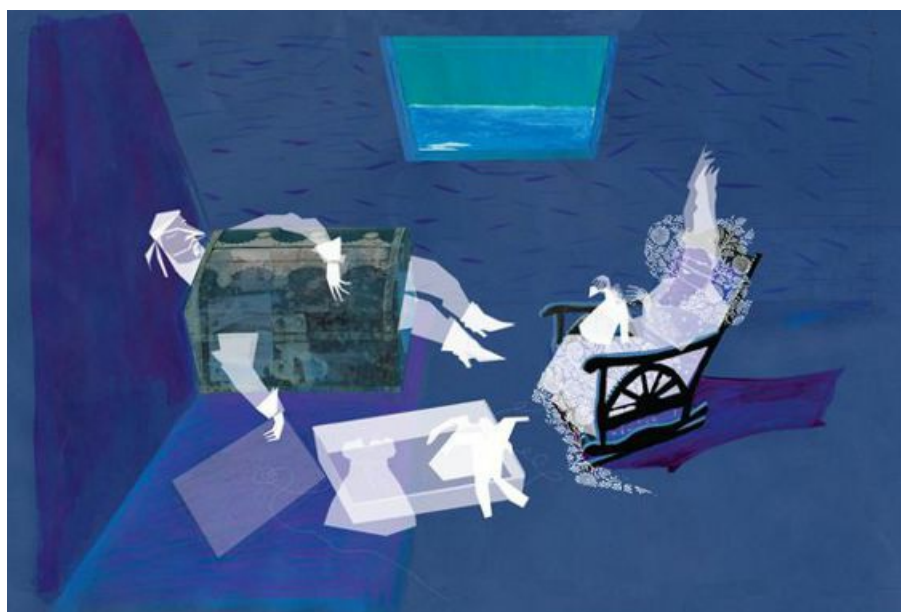
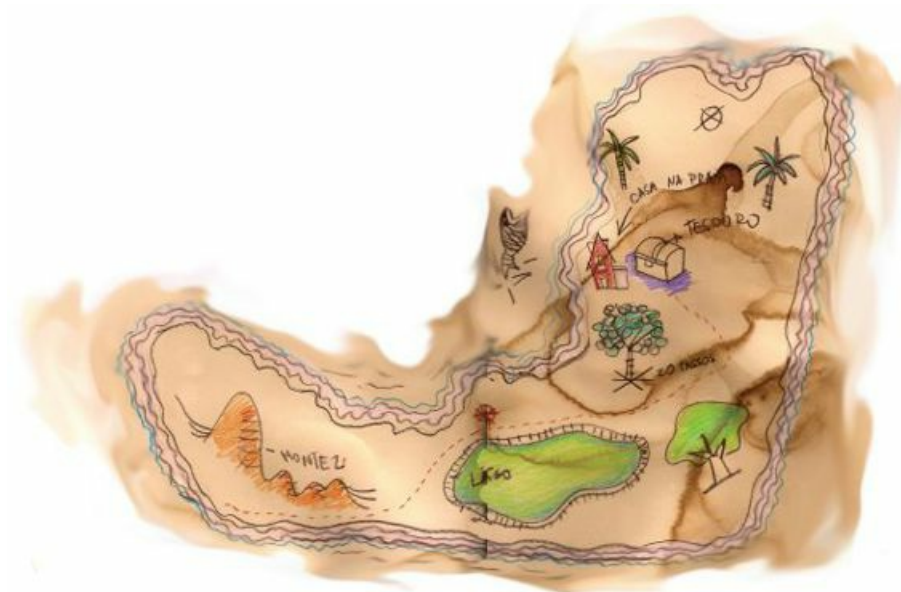
João, Julião e Sebastião tinham um grande defeito: gostavam demais de beber — para tomarem coragem —, e por isso perdiam muito tempo.

Em vez de saírem logo à procura da menina Maribel e da casa da praia, foram andando pelas cidades e pelos portos. Como estavam com muito medo do Perna de Pau —, sabiam que ele tinha copiado também o mapa da casa perdida — paravam em todo botequim que encontravam para tomar coragem dentro de um copinho de pinga.

Esta é uma maneira muito comum de tomar coragem.

E assim, enquanto tomavam coragem, o Perna de Pau chegou primeiro à cidade onde morava, interna num colégio, a neta Maribel; raptou a pobrezinha e com ela partiu para a casa perdida na areia branca.

Este é o fim da primeira história.





OS FANTASMAS

A segunda história se passa no sótão da casa perdida na praia.

Era lá que morava Pluft, um fantasminha.

Com ele moravam D. Fantasma, sua mãe, e Tio Gerúndio, velho fantasma de navio que vivia dormindo dentro de um baú.

Naquele tempo se acreditava em fantasmas.

Hoje também as pessoas pensam em fantasmas, mas fingem que não acreditam porque não fica bem acreditar nestas coisas.

E as pessoas só gostam de acreditar no que está na moda.

Pois bem, Pluft era um fantasminha muito medroso.

Olhava pela janela, via a praia, o mar tão azul e grande, e tremia de medo.

Não tinha medo do mar porque era azul, mas porque era grande, e ele ainda era um fantasminha menino, e só via as coisas, de longe, enormes! A mãe dele vivia dizendo que um dia ia levá-lo ao mundo para ele perder este medo bobo, mas...

Ela também nunca tinha tempo para explicar nada direito.

Isto acontece com muitas mães de hoje também.

D. Fantasma fazia muito tricô para os fantasminhas pobres.

Passava os dias na sua cadeira de balanço que rangia, como é dever de toda cadeira velha.

Na cadeira, ela, além de tricotar, de vez em quando mergulhava seus pensamentos no seu tempo de mocinha e começava a cantar pedaços de ópera.

Também outra coisa que distraía a Sra. Fantasma era conversas no telefone com sua prima D. Bolha de Sabão. Ficavam horas trocando novidades. D. Fantasma se divertia muito com estas conversas. D. Bolha trabalhava na polícia secretíssima dos fantasmas e sempre sabia de coisas importantíssimas, como casamentos, promoções (gente que sobe de posto, nem sempre fazendo esforço), chás de caridade e outras novidades de que pessoas e fantasmas acham graça porque ajudam a passar mais depressa o tempo.

E Pluft ficava olhando o mar.

Pensando.

Pensando nas histórias que Tio Gerúndio contava quando ele era menorzinho.

Antigamente Tio Gerúndio falava muito do mar.

Tinha sido fantasma de navio.

Mas, com a idade — já era tão velho que tinha perdido o gosto de contar histórias —, vivia dormindo e roncando dentro do baú —, e roncava coisas sem nexos —, às vezes parecia ronco de peixe, às vezes parecia ronco de velhos marinheiros.

Isto era Pluft que achava, porque para mim peixe não ronca.

Mas Pluft achava que roncava; roncamentos de baleias velhas com cauda de gente.

Pluft nunca tinha visto nem gente nem baleia, por isso com certeza misturava tudo e achava que gente podia ter rabo de baleia e baleia podia ter rabo de gente!

Tudo que Tio Gerúndio contava Pluft misturava — e fazia outras histórias. Histórias para pensar sozinho enquanto olhava o mar azul...

De tanto misturar histórias começou a acreditar que gente era o pior bicho que havia no mundo.

Que gente comia fantasmas, imaginem vocês. E que comia outras gentes!

E matava os pobres peixinhos!



Chegou até a inventar uma história de um tubarão bonzinho (vê se pode!) que estava amolando seus dentinhos numa pedra à beira de um rio verde, cantando “eu fui no Tororó beber água não achei...” (cação cantando, vê se pode!), quando chegou um terrível marinheiro e deu um soco no tubarão, que desmaiou de pavor e logo morreu de dor de barriga (dor de barriga em tubarão, vê se pode!).

Tio Gerúndio, que era muito sabido, em vez de lhe explicar melhor as coisas, só sabia dormir e comer pastéis de vento.

Tomara fastio de tudo que era do mundo...

...menos de pastéis de vento.

Isto era outra coisa que a Sra. Fantasma gostava de fazer.

Pastéis de vento.

Distraía muito.

Ia à janela da cozinha e ficava à espera do melhor vento sudoeste.

Enquanto esperava cantava ópera.

E parece que naquele tempo o canto da Sra. Fantasma atraía mesmo vento favorável — Venha, Zéfiro. Venha, Zéfiro! — (palavra difícil) cantava ela.

Às vezes, impaciente, ela usava mesmo o forte vento norte, mas os pastéis saíam sempre estufados e arreventavam logo.

Coisas de fantasmas que a gente não precisa entender bem.

Como dizia...

A Sra. Fantasma gostava também de cantar.

Seu marido tinha sido fantasma de ópera.

Ela ia muito com ele assistir às cantoras famosas que recebiam aplausos e flores. Achava que devia ser muito agradável receber aplausos e flores e decorou todas as óperas que davam mais aplausos e mais flores.

“Coisas de gente”, dizia ela, e contava essas histórias para Pluft.

Mas, como sempre, não explicava muito bem as histórias e continuava a tricotar ou a fazer pastéis, e Pluft tornava a seu cantinho da janela, pensativo.

Foi aí que inventou a história de uma tainha que cantava ópera e que era casada com um marinheiro-caçador de vento noroeste.

Um dia, de tanto gritar com o marido marinheiro, por causa de um pastel que tinha estufado antes do tempo, a tainha ficou tão rouca que quando foi cantar naquela noite no teatro, em vez de sair música de sua goela, saiu um vento terrível, tão terrível que trouxe o mar todo para dentro do teatro, e o mar afogou todos que estavam assistindo à ópera.

Os espectadores, para não morrerem afogados, davam aplausos, jogavam flores e comiam pastéis feitos pela Mãe Fantasma, que nunca trabalhou tanto como naquela noite.

Tudo faziam para ver se se salvavam.

E todos os fantasmas do teatro — comandados pelo seu pai — fizeram uma enorme bagunça de assustar gente.

Daquela noite em diante o teatro foi fechado para concerto porque estava completamente alagado.

E virou teatro de concerto.

Coisas de fantasmas.





AS DUAS HISTÓRIAS SE ENCONTRAM

Foi então que o marinheiro Perna de Pau descobriu a casa.

Pluft espiava da janela do sótão e tremeu de medo.

Não era peixe.

Não era um pedaço de mar.

Não era fantasma.

Não era vento.

Eram duas coisas.

Uma grande e feia.

A outra, pequena, branquinha de medo como um fantasminha, puxada pela coisa grande.

Devia ser aquilo: *GENTE!*

— Mamãe... mamãe... acode aqui... lá vêm eles... eu tenho medo de gente... eu tenho medo de gente...

— Gente é que tem medo de fantasma, Pluft, e não fantasma que tem medo de gente... Ah! se seu pai fosse vivo, dava uma surra em você com este medo bobo... Que fantasma corajoso era ele! — suspirou ela, saudosa do marido.

— Mas eu tenho medo!!! — e Pluft corria feito um doidinho.

— Lá vêm eles subindo a praia... lá vêm eles, mamãe!...

A mãe foi ver.

Há muitos e muitos anos ninguém aparecia por aquelas bandas...

— É verdade! É verdade! — disse ela. — Preciso contar tudo à Prima Bolha!

Pluft, aflitíssimo, corria de um lado para o outro repetindo:

— Eu não acredito em gente... Eu não acredito em gente...

Fazia isso para ver se se convencia... mas é muito difícil a gente se convencer de fato que é mentira uma coisa que é verdade.

Ele ainda tentou se esconder no baú, mas Tio Gerúndio continuava roncando distante e não queria companhia.

Pluft tinha que se arranjar sozinho, porque sua mãe nesta hora já tinha discado: zero-zero-zero-zero, que era o telefone da Prima Bolha, e começava uma conversa enorme sobre abrir de novo a casa para visitas de gente para pequenos assustados fantasmas... etc... etc.

Finalmente Pluft conseguiu convencer a mãe de se esconder na trave do sótão, porque o marinheiro já vinha subindo a escada.

Pluft meteu a cara no colo da mãe, que, mesmo sendo de fantasma, na hora do perigo era quentinho, como todo colo de mãe.

E esperaram.

Viram o Perna de Pau chegar, com sua voz de trovão cantando:

A menina, Maribel, bel, bel!

Tem os olhos cor do céu, céu... céu...

E os cabelos cor de mel... mel... mel...

— Deve ser também cantor de ópera — disse Pluft.

— Psiu! Fica quieto, Pluft, ainda não é hora de assustar.

— Que feio! Deve ser metade baleia, metade tubarão, metade...

— Chega, Pluft. Chega de tanta metade, você acaba assustando eles.

— Eles é que estão me assustando muito, mamãe!

— Psiu!

O Perna de Pau amarrou a menina na cadeira da Sra. Fantasma e tirou o mapa para conferir.

Deu uma risada que mais parecia uma ventania e começou a falar sozinho.







FALA DO MARINHEIRO PERNA DE PAU

— É aqui mesmo. Foi aqui que o Capitão Bonança Arco-Íris escondeu o tesouro. Aqueles três patetas nunca descobrirão esta casa. Então eles queriam ser mais espertinhos que o marinheiro Perna de Pau, hem? Queriam salvar a neta do capitão, hem? Mas o Capitão Arco-Íris morreu e quem vai entrar no tesouro sou eu! Então não sabiam que eu estava à espreita? Há dez anos que espero! Estou cansado também, ora...

Perna de Pau começou a procurar feito um doido. Remexendo em tudo.

Encontrou o chapéu do velho Bonança, pôs na cabeça e logo ficou com a sensação de que já era dono de um navio. A sensação foi tão forte que até ficou enjoado de mar, mas continuou a gritar como se estivesse comandando um navio numa tempestade. O que ele gostava mesmo era de dar ordens. Até no vento. E gritava:

— Levantar velas!

— Carrega punhos aos papa-figos!

— Afrouxar a bujarrona! Entra a bombordo, aguenta a guinada!

E dava enormes gargalhadas, o que fazia Pluft pensar que gente era muito mais engraçada e ao mesmo tempo mais assustadora do que ele poderia imaginar. Perna de Pau continuou gritando, mas desta vez quem ficou chateado foi o sol, que resolveu tirar uma soneca atrás de uma nuvem escura, e a noite — de engraçada — deu um mergulho no sótão. O marinheiro ficou furioso porque não tinha trazido nenhuma lanterna e tinha que voltar à cidade para apanhar uma.

— Ainda é cedo, sol dorminhoco! — gritou ele para o sol.

“Isto são maneiras de se tratar o sol?”, pensou Pluft.

Antes de ir embora, Perna de Pau amarrou bem a menina e disse a ela:

— Você vai ficar aí presinha nesta cadeira. Vai me esperar para encontrarmos o tesouro do vovô e depois vamos nos casar e comprar um grande navio para navegar... navegar... até bem longe...

— A neta do Capitão Bonança vai navegar com o Capitão Perna de Pau!

Depois de dizer todas estas bobagens, saiu assoviando de contente, deixando a menina sozinha amarrada na cadeira.

Maribel estava com muito medo de ficar ali sozinha. Mas o medo do Perna de Pau era muito maior, então ela tomou uma coragem especial, destas que a gente toma nas horas mais difíceis, fez uma força bem grande, tirou a corda que prendia seus braços na cadeira e correu para a janela para pedir socorro. Mas ninguém ouviu.

Seus amigos, os três marinheiros, ainda estavam tomando coragem em alguma taberna ali por perto.

Maribel se sentiu muito sozinha e começou a olhar a casa, e todas aquelas coisas velhas que ela não conhecia porque ainda não tinha nascido quando seu avô se mudou para o navio.

Pluft já não se aguentava mais. Queria e não queria ver de perto aquela coisa engraçada e bonitinha que dava medo e ao mesmo tempo curiosidade.

De tanta curiosidade Pluft perdeu o equilíbrio (às vezes fantasmas também perdem o equilíbrio) e caiu bem no meio da sala.

Maribel viu aquilo e desmaiou.

Fantasma também era demais para seu coraçãozinho de menina, e não havia coragem especial que aguentasse!

D. Fantasma saiu correndo para procurar no velho armário algum remédio para desmaio de gente, e Pluft ficou sozinho com aquilo.

O coração dele começou a bater depressa pela primeira vez.

Foi aí que ele descobriu que tinha coração.

O coração de Pluft disparou.

Falta de prática, com certeza.

Então correu para pedir à mãe que fizesse alguma coisa. Disse:

— Mamãe, quem sabe a gente pega isto aí e joga lá na noite e depois fechamos bem a porta e botamos o baú de Tio Gerúndio, com Tio Gerúndio e tudo dentro, bem em frente da porta para o marinheiro não voltar, e ficamos aqui, nós sozinhos, só fantasmas e gente não...

Quando D. Fantasma disse que aquilo seria uma ruindade, Pluft respondeu que medo não é ruindade, e que na verdade ele não queria jogar aquilo fora não, que até estava achando muito engraçadinho, sem cauda de peixe nem nada, só aqueles fios amarelos caídos na cara e que se mexiam quando ela se mexia...

Como a brisa fazia com as plantinhas da praia.

Aquela coisa era bem diferente do outro grandalhão...
Pensando assim, o medo foi ficando menorzinho.
Também pudera! Maribel ainda estava desmaiada.
Mas quando ela acordou e os dois se viram um em frente do outro, de novo foi terrível!
Não se sabe até hoje quem teve mais medo.
Se Pluft ou Maribel.
Mas desta vez ninguém fugiu ou desmaiou.
Sabem quando a gente descobre um bicho novo, de que a gente tem medo mas ao mesmo tempo quer saber como é?
Uma espécie de medo gostoso.
É isto mesmo.
Às vezes o medo pode ser bom.
Se a gente não tem medo do medo.
Para disfarçar os dois começaram a falar.





CONVERSA DE PLUFT E MARIBEL PARA DISFARÇAR O MEDO

— Como é que você se chama? — perguntou Maribel, quase sem fala.

— Pluft. E você?

— Eu sou Maribel.

— Você é gente, não é?

— Sou. E você?

— Eu sou fantasma.

— Fantasma mesmo?

— É, fantasma mesmo. Mamãe também é fantasma.

Nesta hora Maribel já estava se sentindo melhor e até achando aquele fantasminha muito engraçadinho.

— Engraçado — disse ela —, de você eu não tenho medo.

— Nem eu de você — disse Pluft. — Engraçado.

Os dois riram um pouquinho, meio encabulados. Depois Maribel continuou:

— Mas sua mãe também é fantasma?

Pluft aí ficou um pouco ofendido.

— Claro, ora! Você queria que ela fosse peixe?

— E seu pai? — perguntou Maribel.

— Meu pai era fantasma da ópera. Trabalhava num teatro grande. Mas agora ele morreu, sabe? Virou papel celofane.

Maribel achou muito esquisito fantasma virar papel celofane, mas, como não sabia mesmo de onde vinha o papel celofane, achou que talvez fossem todos feitos de fantasmas mortos.

E achou muito engraçado, mas não disse nada a Pluft para não ofendê-lo. Só pensou que cemitério de papel celofane devia ser muito estranho... enfim...

Mas Pluft, que nunca tinha conversado com gente, parece que agora não queria mais parar de falar e foi logo apresentando Tio Gerúndio como um fantasma de navio muito bacana, que tinha trabalhado no mar muitos anos...

Maribel aí se lembrou que talvez o navio dele fosse o navio de seu avô.

Pluft disse que era este mesmo, e os dois riram muito com a coincidência.

Como é bom descobrir essas coincidências quando a gente começa uma nova amizade!

Maribel estava encantada!

Só levou susto quando ouviu a voz de D. Fantasma cantando ópera na cozinha. A ópera do Zéfiro.

Já estava gostando de Pluft, mas da mãe dele não sabia se ia gostar. Mãe dos outros é sempre coisa inesperada.

Às vezes vai com a cara da gente, às vezes não vai. Fantasma, então...

A Sra. Fantasma continuou a cantar, e aí Maribel lembrou-se que o Perna de Pau ia voltar e começou a chorar...

Pluft nunca tinha visto ninguém chorar. Nem sabia o que era isto. Ficou encantado, e gritou para a mãe:

— Que lindo, mamãe. Vem ver! A menina está derramando o mar todo pelos olhos! Também quero!

— Ora, Pluft, fantasma não chora, senão derrete — disse D. Fantasma, e tratou de se aprontar para apresentar-se à menina. Como era uma fantasma experiente, achou melhor não assustar muito; vestiu um velho chapéu do tempo da ópera, botou um xale espanhol, e apareceu.

Pensou que estava bem-disfarçada.

Maribel achou muito esquisito.

Não sabia se era uma senhora fantasiada de fantasma ou um fantasma fantasiado de gente; teve até vontade de rir, mas disfarçou porque achou a mãe de Pluft muito simpática com aquela bandeja cheia de pastéis. E que pastéis engraçados! Desmanchavam na boca como algodão-doce. Pluft explicou que eles eram feitos de vento. Na verdade, Maribel preferia pastel de banana ou de carne, mas para não ofender disse que aqueles estavam deliciosos!

D. Fantasma voltou à cozinha e Maribel voltou a chorar querendo ir logo embora, fugir do Perna de Pau.

Pluft ficou aflitíssimo e achou horrível ver sua amiga perdida naquela praia tão branca, naquele escuro tão preto, e então resolveu que ia com ela ao mundo procurar João, Sebastião e Julião.

Vestiu uma roupa de gente e despediu-se de sua mãe. D. Fantasma estava tão contente de ver o filho tão corajoso que até fez um discurso, destes que as mães fazem quando os filhos vão

viajar, mesmo sendo viagem de fantasma.





DISCURSO DE DESPEDIDA DA MÃE FANTASMA NO EMBARQUE DO FILHO PARA O MUNDO

— Meu filho! — aí a Mãe Fantasma deu um grande suspiro de mãe contente. — Se seu pai fosse vivo ficaria orgulhoso de você! Cuidado com o sol para não te derreteres... Procura o vento sudoeste que é o mais agradável. Trata de ser um fantasminha decente, sim? Só prega susto naqueles que merecerem. Se encontrares algum outro fantasma assustando alguém, procura outra gente para assustar.

“Há trabalho para todos.

“E volta um fantasma de verdade.

“Tenho certeza que vais gostar do mundo.

“Abre bem o olho para veres as coisas bonitas que existem por aí.

“O único meio de ver bem o mundo é abrir os olhos.”

D. Fantasma no fim do discurso já estava tão comovida que até falava com voz de cantora de ópera, quase cantando. Pluft percebeu que aquilo era orgulho na voz — coisas de mãe — e cortou logo o assunto se despedindo.

— Adeus, mamãe, vamos, Maribel — disse ele, segurando a mão de Maribel —, vamos ao mundo procurar seus amigos.

Sentiu que vinha nascendo uma grande coragem e saiu feliz pelas escadas da velha casa e pela praia deserta, cantando e pulando de contente.

Porque ser corajoso é muito agradável.

A Sra. Fantasma ficou tão feliz com a coragem do filho que correu ao telefone para contar a novidade.

Zero-zero-zero-zero, discou ela. Mal conseguia esperar a resposta, mas graças a Deus telefones de fantasmas funcionam logo, e veio a voz curiosa da Prima Bolha:

— Alô!

— Imagine que o meu Pluft resolveu ir! Tal pai, tal Pluft! Que coragem, hem, Prima Bolha, que coragem...

Pobre Mãe Fantasma! Mal acabava de dizer a última frase, já estava Pluft ajoelhado na sua saia tremendo e gritando de tanto medo...

— Lá vem ele, mamãe, lá vem ele... lá vem o Perna de Pau...

E vinha mesmo.

Todo contente segurando um castiçal com uma enorme vela acesa.

Foi um corre-corre daqueles!

Amarraram de novo Maribel na cadeira para o bandido não perceber nada e se esconderam na viga do sótão. Queriam pregar uma peça no Perna de Pau. Ele, que se dizia tão corajoso, que nem de vento, nem de sol, nem de mar tinha medo... queriam ver se tinha medo de fantasmas.

E esperaram.

D. Fantasma ficou meio triste com a volta do filho daquela maneira, mas pensou que talvez ele ainda precisasse aprender mais um pouco! Não é de um dia para o outro que se forma um bom fantasma! É preciso um pouco de treinamento.

Pluft achava melhor treinar com a mãe por perto. Era mais seguro.

Combinaram tudo com Maribel para ela não ter medo e deixaram o Perna de Pau entrar no sótão com a vela acesa e com a certeza de que tudo ia muito bem.

Mas tudo não ia muito bem não.

Quando Perna de Pau entrou, todo feliz, começou a buscar o tesouro por todos os cantos, revirando tudo. Pluft deu uma aterrisagem sobre a vela, e num só sopro apagou-a. Perna de Pau pensou que fosse vento — se bem que estivesse uma enorme calmaria no ar.

— Foi vento — disse ele, acendendo de novo a vela.

E recomeçou a busca.

Descobriu uma velha espada enferrujada que pertencera ao velho Bonança e, sempre com a mania de imitar o velho, começou a fingir uma terrível luta.

Enquanto isto, Pluft voltava e tornava a apagar a vela.

— Sacripanta! — disse ele (este termo se usava muito antigamente, parece nome feio, mas não é).

Tornou a acender a vela e disse desta vez outro nome esquisito:

— Cáspite! Este vento pensa que pode brincar comigo!

Tantas vezes Pluft apagou a vela que por fim Perna de Pau nem tinha mais nomes para usar e xingar o vento. E começou a desconfiar que aquilo não era vento coisa nenhuma, porque lá fora a calmaria continuava e nem uma brisa entrava pela janela... Tão tremendo e tão aflito que estava,

teve uma comichão na perna e em vez de coçar a perna boa, coçou a perna de pau! Coisas que a gente só faz quando está muito nervoso — de tão aflito continuava a xingar o vento e a contar vantagens:

— Não tenho medo de nada, estão ouvindo? Não tenho medo nem de mar, nem de vento, nem de...

Pois não é que nesta hora Tio Gerúndio resolve se levantar, abrir o baú e dar uma gargalhada tão alta que mais parecia uma trovoada das grandes!...

Estava com certeza sonhando com piadas de marinheiros...

Perna de Pau quando ouviu aquilo não aguentou mais.

Desamarrou Maribel, pegou a trouxa e saiu correndo, sempre dizendo que não tinha medo de nada, nem mesmo de fantasmas... que voltaria quando o sol estivesse bem alto e aí queria ver se fantasmas apareciam para pregar susto em marinheiro honesto... etc... etc.

Quando o Perna de Pau saiu puxando Maribel, Pluft achou que a brincadeira foi muito sem graça. Então como é que eles foram deixar o bandido levar a menina daquele jeito?

— Vou atrás deles, vou dar um soco na cara dele, vou esmurrar aquele Perna de Pau, vou...

— Chega, Pluft, você não vai fazer nada disso. Você ainda é um fantasma muito medroso. Vamos ver se pedimos ao Gerúndio para dar um jeito de descobrir logo este tesouro ou então falar com Xisto, que é fantasma de avião e talvez saiba de alguma coisa.

Chamaram Xisto, mas este não sabia de tesouro nenhum, mandou que a Sra. Fantasma telefonasse para a Prima Bolha, que afinal devia saber de alguma coisa, pois trabalhava na polícia secretíssima.

D. Fantasma achou ótima a ideia de telefonar de novo para a prima, pois queria também conversar com ela sobre um chá que iriam dar para incentivar o intercâmbio cultural entre gente e fantasma, e depois queria saber tudo sobre o concerto de canto que ia acontecer na casa de uma famosa cantora fantasma chamada Aerofagia Vaporosa... enfim, o melhor mesmo seria telefonar... Pluft viu logo que a mãe não estava se interessando a mínima pelo caso de Maribel, o que ela queria mesmo era falar no telefone. Então se sentiu muito infeliz de ser ainda um fantasma tão pequeno e de não poder resolver as coisas sozinho...

Seria tão melhor se ele pudesse ir salvar sua amiga sem precisar da ajuda de ninguém... Estava pensando em todas estas coisas na janela, enquanto a mãe falava de quartetos, de quintetos, de sextetos, de oitetos...

“Santo Fantasma”, pensou ele, “minha mãe é bem maluquinha mesmo!”.

Olhou para o mar, lembrando-se que pelo menos até a praia ele tinha tido coragem de ir, e foi aí que viu vindo, cantando, os três marinheiros amigos de Maribel!

“Viva!”, pensou ele. “Agora eles vão poder salvar a menina!”

Finalmente João, Sebastião e Julião encontraram a casa perdida na areia branca... O mapa já estava até amarrotado de tanto eles consultarem. Era um bom pretexto que acharam para taparem o medo que também sentiam de enfrentar esta aventura. Para tomar coragem inventaram também um canto, pois não há nada melhor para espantar medo do que cantar:

*Ainda era uma criança
Quando saiu para o mar
A aprender a navegar
O Capitão Bonança!*

*Depois morreu no mar,
Deixou de navegar.
Onde está a herança
Do Capitão Bonança?!*

A toda hora paravam para consultar o mapa.
E perdiam horas e horas consultando o mapa.
Depois davam grandes vivas ao velho capitão e recomeçavam a andar e a cantar.
Claro que tinham que chegar atrasados!
Mas eram boas-praças, coitados.
Apenas sofriam de medo.
Pluft achou que eles eram os maiores!
Ficou sentado no meio do sótão para esperá-los. Queria só dar um sustinho neles.
Susto de amigo.
A mãe, quando viu os três, correu para a cozinha para fazer mais pastéis.
Nunca sua casa tinha sido tão visitada!
— Que animação! — disse ela. — É preciso fazer muitos pastéis. Ah, ventinho sudoeste, vem depressa encher meus pastéis! — E cantou uma ópera especial para vento sudoeste.
Como era em fantasmês não posso escrever a letra.

Pluft esperou. Seu coração tornou a bater em disparada.

Os marinheiros subiram as escadas da casa tremendo de medo e sempre cantando e dando vivas para disfarçar.

Quando entraram no sótão e viram Pluft sentadinho na janela, pensaram que estavam sonhando.

Não era possível aquilo!

Devia ser sonho.

Quando a gente não quer acreditar numa coisa, vai logo inventando que é sonho.

Mas sonhar ao mesmo tempo, todos os três, que estavam vendo um fantasminha era demais! E o fantasminha para brincar fez:

— Uuuuuuh! — e levantou voo num lindo salto de fantasma até o teto.

Foi a conta para botar os três fora de si.

João saiu pela janela e só não morreu porque suas calças engancharam num galho de árvore e ele ficou esperando lá mesmo sem poder fugir mais. Sebastião entrou pela porta da cozinha e caiu desmaiado no colo da Sra. Fantasma, que ainda estava na janela esperando o vento sudoeste. Julião desceu as escadas trocando as pernas pela cabeça até cair no primeiro andar, dentro de um tonel cheio de vinho ainda do tempo do finado Capitão Bonança. Pela primeira vez na sua vida não achou graça em vinho. Estava todo doído...

Pluft ao ver aquilo sentiu-se muito bem.

Então não era só ele que tinha tanto medo! Três marinheiros bem taludinhos tiveram medo dele! Um fantasminha de nada!

Bacana!

Se não fosse por causa de sua amiga Maribel, que era também amiga daqueles três bobocas, ele ia continuar a fazer exercícios de passar susto, mas resolveu deixar isso para mais tarde e tratar de desaparecer para que os marinheiros voltassem.

E voltaram.

Sabiam que tinham que descobrir o tesouro da neta do grande Capitão Bonança.

Tinham que fazer tudo direitinho.

O pedido do velho capitão havia de ser cumprido até o fim.

Julião foi o primeiro a chegar, todo molhado de vinho e doído até os ossos.

Sebastião nem reparou que a Sra. Fantasma o tinha deixado tranquilamente se balançando na sua cadeira, como um bebê, chupando o dedo.

— Ridículo — disse ela —, uns homens deste tamanho com medo de um fantasma. — E voltou à sua janela para conversar com o vento sudoeste. Depois contaria tudo à Prima Bolha.

Já viram novidade melhor para uma boa conversinha de telefone? Gozar a caveira de três marinheiros medrosos!

Quando Julião entrou, só viu Sebastião se balançando na cadeira, de dedo na boca.

Achou então que tudo estava bem.

E João? Onde estava João?

Ouviram uns gritos de socorro e correram à janela.

O pobre João já não se aguentava mais. É porque a fazenda da calça dele era boa, senão ele teria se despencado para o outro lado do mundo sem nunca ter achado tesouro nenhum...

Sebastião e Julião jogaram uma corda e puderam içar João, que, mais morto de cansado do que de medo, sentou-se no baú para respirar e dar graças a Deus de ainda estar vivo.

— Viva o grande Capitão Bonança! — disse Sebastião para animar um pouco o ambiente.

Acontece que Tio Gerúndio, que há muito tempo não ouvia o nome do seu querido capitão, acordou de repente, pois estava justamente sonhando que ainda era fantasma de navio, deu um empurrão na tampa do baú onde estava sentado João, e gritou bem forte:

— Vivooooooooo!

Podem imaginar o que aconteceu?

João, Sebastião e Julião, que já não estavam bem, tiveram tanto medo que perderam a voz e também a vontade de correr... Ficaram plantados no chão como três idiotas a quererem gritar sem poder...

Até que veio de novo a força e eles saíram correndo escada abaixo gritando:

— Socorro! Socorro! Socorro! Aquela casa é mal-assombrada... aquela casa é mal-assombrada!

Claro que ninguém acreditou neles. Contavam tantas histórias de assombração quando estavam bebidinhos que aquela devia ser mais uma!

Pluft ficou muito triste.

Viu que o medo estragava sempre tudo.

O que ia ser de Maribel?

Tio Gerúndio nunca se levantava, a não ser para comer pastéis. Por que tinha que dar aquele viva logo naquela hora?

E Maribel precisava se encontrar com os amigos. Talvez eles voltassem, mas antes era preciso acabar com o Perna de Pau. Foi conversar com a mãe, mas ela já estava discando zero-zero-zero no telefone para contar as últimas novidades à sua prima.

Resolveu então pedir socorro a Tio Gerúndio.

Abriu o baú e ofereceu mil pastéis de vento sudoeste caso ele salvasse a menina Maribel. Tio Gerúndio levantou-se, deu um enorme bocejo e tornou a dormir, roncando terrivelmente.

“Nem pastel adianta mais”, pensou Pluft, “mas talvez, falando na noiva dele, quem sabe?”.

— Titio, quem está pedindo para salvar a menina é a sua noiva, a Srta. Naftalina Vaporosa.

Pluft sabia que essa noiva tinha sido muito importante para Tio Gerúndio quando ele era ainda um jovem fantasma do mar, mas isso já fazia tanto tempo que até mesmo a recordação tinha se evaporado... e Tio Gerúndio apenas repetiu o nome da noiva segurando o coração com uma das mãos!

— Naftalina Vaporosa!

O coração dele bateu um pouco mais depressa, ele ficou com medo de ter um enfarte, então achou melhor não pensar mais no assunto e dormir de novo...

Pluft começou de novo...

Pluft começou a se zangar.

Puxa vida, que tio mais chato!

Por que não vira logo papel celofane?

Seria melhor do que passar a vida deste jeito.

Afinal de contas, quem tem que ser salva é a neta do grande amigo dele.

— Será que o Capitão Bonança Arco-Íris...

Quando ele disse isto, Tio Gerúndio deu um pulo e saiu do baú.

— Quem falou no meu amigo, o Capitão Bonança Arco-Íris?

Pluft gritava de alegria:

— Isto é que é tio!

Gerúndio corria furioso pela sala.

— O marinheiro Perna de Pau roubou a neta dele, Maribel, e trouxe aqui, e prendeu ela, e eu dei um susto nos amigos dela, então ela foi embora, mas vai voltar com o Perna de Pau, que quer o tesouro dele e quer também casar com ela...

Pluft dizia tudo isso tão depressa e correndo atrás do tio que era impossível alguém compreender do que se tratava, muito menos Tio Gerúndio, que passava tanto tempo roncando

no baú.

— O quê?! — disse ele, abrindo a boca de sono.

— Não dorme de novo não, titio! Perna de Pau vem aí!

— Perna de Pau? Ah! conheço muito bem aquele ladrão de sardinhas, marinheiro de banheira...

— Ele raptou a neta do Capitão Bonança, titio!

— O quê? Ele raptou a neta de meu grande amigo?

Imediatamente puxou um apito e começou a apitar feito um louco, depois botou um velho chapéu de marinheiro, comeu alguns pastéis de vento sudoeste, que a Sra. Fantasma tinha acabado de fazer, e pulou pela janela gritando:

— Fantasmas do mar! Fantasmas do mar! Fantasmas do mar! Temos um serviço para o nosso velho capitão!

Tio Gerúndio desapareceu numa nuvem perto do mar.

Ouviram-se então cornetas e ventos estranhos vindos daquele ponto. E o mar ficou tão agitado que mais parecia dia de ressaca.

De cada espuma de onda surgia um velho fantasma atendendo ao apelo de Gerúndio...

D. Fantasma, animadíssima, corria pelo sótão, olhava pela janela e pela primeira vez não teve tempo de falar ao telefone:

— Santos Fantasmas, quanto trabalho! Preciso fazer pastéis para o batalhão!

Pluft com um binóculo acompanhava as manobras.

“Puxa, como devia ser bacana naquele tempo!”, pensou ele.

Veio chegando também o Perna de Pau, porque naquela hora o sol já estava alto e ele sabia que poderia encontrar o tesouro mais depressa se procurasse durante o dia.

Vinha cantando:

— Viva o sol do céu da nossa terra! Vem surgindo atrás da linda serra!

E dava grandes risadas, rindo dele mesmo porque ninguém mais achava graça em suas piadas...

Maribel estava com menos medo porque já conhecia a casa e sabia que ali moravam só amigos.

Pluft se escondeu.

Mamãe Fantasma estava ocupadíssima na cozinha.

Perna de Pau de tão aflito nem se deu o trabalho de amarrar Maribel.

Foi logo avançando no baú porque veio pensando pelo caminho que o melhor lugar para se guardar tesouro era mesmo baú.

E começou a fuxicar o baú.

Tirou pedaços de travesseiros, fardas de almirantes aposentados, retratos de viúvas de contra-almirantes... tudo, menos o tesouro.

Pluft espiava penduradinho no teto e de vez em quando dava adeus para encorajar Maribel, que estava muito aflita porque Tio Gerúndio não estava mais no baú.

Pluft deu um mergulho de fantasma e contou a ela tudo. Era só esperar, que o Perna de Pau ia levar o maior susto do mundo.

Depois resolveu que o melhor seria que ela também subisse até a trave para ver as coisas de cima. Maribel subiu numa escada, quase que caiu, mas chegou bem alto até alcançar o topo de um velho armário, onde ficou agachadinha perto de Pluft. Parecia até que os dois estavam num teatro vendo uma história acontecer!

Acontece que, finalmente, bem no fundo do baú, Perna de Pau descobriu um outro bauzinho bem pequenino escrito em cima: Tesouro do Capitão Bonança Arco-Íris.

Perna de Pau teve um desmaio de tanta alegria, mas voltou logo a si e começou a beijar e a abraçar o bauzinho como se fosse uma criancinha de colo:

— Meu dinheirinho querido — dizia ele —, meu amorzinho do coração, vamos comprar um naviozinho e depois...

Aí ele se lembrou que o bauzinho estava fechado.

— Onde está a chave? Onde está a chave? — disse ele largando o bauzinho no chão e voltando ao baú grande. Tornou a tirar uma porção de coisas: saias, anáguas, álbuns de fotografias, pedaços de leme de navio, e finalmente descobriu uma chavinha. Então ele chorou.

Chorou de bobo, porque quando experimentou a chave no bauzinho, viu que tinha se enganado.

Não era aquela a chave.

Como um louco, no meio de toda aquela desordem espalhada pelo chão, começou a andar de gatinhas à procura da chave, e foi assim que entrou na cozinha sempre gritando:

— A chave! Onde está a chave do meu tesourinho?

Nesta hora, também aproveitando que o sol estava dando coragem a todos iluminando qualquer sombra, João, Sebastião e Julião voltaram à casa perdida.

Eram medrosos, mas eram amigos de seu velho capitão.

A amizade venceu e lá vinham eles, desta vez cheios de coragem de verdade, em busca do tesouro. Subiram as escadas e entraram no sótão. Na mesma hora vinha vindo da cozinha como um doido varrido, andando de quatro, o Perna de Pau.

— Minha chave... minha chavinha do meu tesourinho.

— Oh! — disseram ao mesmo tempo os três marinheiros — o Perna de Pau! — e avançaram para ele, dando-lhe pauladas e socos...

— Onde está Maribel? Anda, conta logo, seu malandro, se não quer apanhar a maior surra de sua vida...

— Que corajosos eles ficaram — disse Pluft ao ouvido de Maribel e os dois começaram a dar risadinhas lá de cima, mas ninguém ouvia nada porque de fora vinha um terrível barulho de vento e de cornetas.

Eram os fantasmas do mar que chegavam formando um batalhão inteiro.

— Tio Gerúndio pensa que ainda está naquela época. Veja como comanda com garbo — disse Pluft emocionado.

Foi uma confusão danada!

Perna de Pau e os três marinheiros, quando ouviram as cornetas, também pensaram que fossem ordens do navio e ficaram em continência.

Quando Gerúndio entrou com aquele mundo de fantasmas voando por todos os lados, não houve coragem humana que aguentasse.

Os quatro desmaiaram uns por cima dos outros fazendo um monte de gente no meio de panos, de chapéus, de anáguas e de fardas.

Só o bauzinho escrito Tesouro do Capitão Bonança ficou quietinho no meio de tudo.

Tio Gerúndio, muito marcial, deu uma ordem urgente para que o Perna de Pau saísse logo do desmaio.

E ele saiu mesmo.

Tremendo, de joelhos, implorou a Gerúndio que tivesse piedade dele:

— Velho fantasma do mar, tenha pena de mim, só queria o tesouro do navio *Arco-Íris*, depois deixo tudo e vou-me embora.

— Quietos, seu malandro! Pluft! — chamou Gerúndio.

Pluft desceu do armário e fez continência a seu tio.

— Pronto, titio.

Maribel e a Sra. Fantasma também ficaram muito solenes ouvindo as ordens de Tio Gerúndio.

— Pluft — continuou Tio Gerúndio —, abra o cofre.

— Mas não sei onde está a chave — disse Pluft.

— Ele está aberto — disse Gerúndio.

— Mas...

Pluft então abriu sem nenhum esforço o cofrezinho.



Neste momento o Perna de Pau avançou e começou a tirar o que havia dentro do cofre.

— Um retrato de Maribel.

— Um rosário e uma receita de peixe assado!

— É isto o tesouro? Então é isto? E o dinheiro? E o dinheiro? Onde está o dinheiro? — gritava Perna de Pau furioso. — Quero o dinheiro!

— Os marinheiros fantasmas vão levá-lo ao dinheiro — disse Gerúndio. — Ele está enterrado no fundo do mar.

Então Gerúndio apitou e os fantasmas do mar carregaram Perna de Pau, que saiu pela janela esperneando com a perna de pau, sempre gritando:

— Quero o tesouro... quero o tesouro... quero o tesouro...



D. Fantasma, que tinha preparado uma batelada de pastéis de todos os ventos e de todos os gostos, saiu correndo também pela janela atrás do batalhão.

— Esperem... esperem... esperem... pastéis para o batalhão! pastéis para o batalhão! — O telefone nesta hora batia feito um louco. Com certeza era a Prima Bolha louca para saber das novidades. Bateu tanto que acordou os três marinheiros, que de tanta alegria de verem Maribel nem viram Pluft e Tio Gerúndio.

— Missão cumprida — disse Gerúndio num bocejo. — Viva o grande Capitão Bonança! — E fechou-se de novo no seu baú.

João, Julião e Sebastião abraçaram Maribel.

Que bom que todos se encontraram de novo!

Pluft então gritou:

— Viva gente!

Aí os marinheiros ficaram com medo de novo, mas Maribel deu a mão a Pluft e gritou também:

— Viva fantasma!

E todos responderam:

— Vivooooooooo!

Ninguém mais teve medo de fantasmas. A menina e seus amigos despediram-se de Pluft prometendo visitá-lo de vez em quando.

Levaram Maribel de novo para o seu colégio.

Pluft foi espiar o tesouro do velho Bonança. Guardou tudo dentro do bauzinho. Seria dele agora.

Foi para a janela ver o mar azul.

Desta vez não conseguiu imaginar nenhuma história, pois tinha vivido uma que era muito mais engraçada e melhor para pensar do que todas que já tinha inventado.

Era a história dele mesmo.

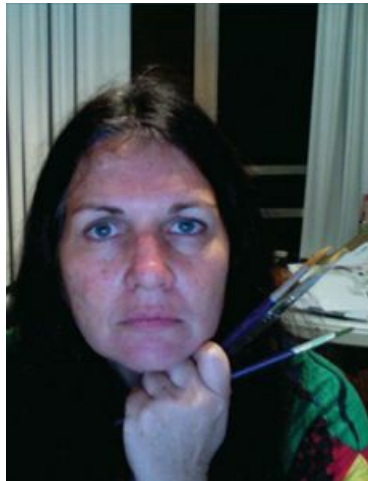


A autora



Maria Clara Machado nasceu em Minas Gerais em 1921, mas se mudou para o Rio de Janeiro ainda criança. Filha do escritor Aníbal Machado, cresceu em um ambiente artístico e iniciou sua carreira com um teatro de bonecos que fundou e dirigiu durante cinco anos. Em 1950, ganhou uma bolsa do governo francês para estudar teatro em Paris. Voltou ao Brasil um ano depois, quando fundou o Tablado, companhia de atores amadores que dirigiu até seu falecimento, em 2001. O Tablado ainda hoje é uma referência na formação de profissionais da nossa dramaturgia. Já nas suas primeiras peças, Maria Clara Machado alcançou grande sucesso de público e crítica e revolucionou a maneira de fazer teatro para crianças. Escreveu *Pluft, o Fantasminha* em 1955, que lhe rendeu vários prêmios e tornou-se uma das peças mais importantes de nossa literatura. Até hoje Maria Clara é reconhecida como a autora mais importante do teatro infantil brasileiro.

A ilustradora



Graça Lima é carioca, formada em comunicação visual pela Escola de Belas Artes da UFRJ e em design pela PUC-Rio (mestrado). Ganhou vários prêmios com seu trabalho, entre eles os da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ): Luís Jardim, Malba Tahan, O Melhor para o Jovem e muitas vezes o Altamente Recomendável. Foi indicada entre as finalistas para o prêmio Jabuti muitas vezes e recebeu em 1982, 1984 e 2003 este prêmio na categoria de ilustração. Fora do Brasil, recebeu quatro vezes a Menção White Ravens da Biblioteca de Munique, na Alemanha. Alguns de seus trabalhos já viajaram por outros países e foram publicados em catálogos internacionais, como o de Ilustradores da Feira de Barcelona, na Espanha; o da Feira de Frankfurt, na Alemanha; o da Feira de Bratislava, na Eslováquia, e o *Brazil — a Bright Blend of Colours*, feito pela FNLIJ para divulgar o trabalho dos ilustradores brasileiros.

Era uma vez *PLUFT*, o FANTASMINHA...



Escrita em 1955 por Maria Clara Machado, a peça teatral infantil *Pluft, o Fantasma* não demorou a receber seu merecido reconhecimento. No ano seguinte, após sua primeira montagem em setembro de 1955, no Tablado — célebre grupo de teatro amador fundado pela autora em 1951 —, a peça ganhou o prêmio da Associação Paulista de Críticos Teatrais, como melhor espetáculo amador e melhor autor nacional. Outros prêmios também viriam logo depois. *Pluft* também foi montada no Tablado nos anos de 1964, 1974, 1977, 1985 e 1995.

Pluft, o Fantasma, peça que revolucionou o teatro infantil brasileiro e consagrou o nome de sua autora como o mais importante da dramaturgia para crianças, também ficaria conhecida em outros formatos. A história do fantasma que tinha medo de gente foi adaptada para o cinema e a televisão, traduzida para vários idiomas e recebeu da própria Maria Clara os toques que a transformariam num texto em prosa. É esta a versão que você acabou de ler. A autora também escreveu a narrativa em prosa das peças *O cavaleiro azul* e *O Dragão Verde*.

Este livro, há tempos fora das livrarias, foi editado anteriormente pela Editora Cedibra, com ilustrações de Anna Letycia. A Nova Fronteira se orgulha de trazê-lo novamente a público, em uma nova edição, já com a ortografia atualizada e as ilustrações de Graça Lima, que dialogam perfeitamente com a linguagem teatral da narrativa de Maria Clara Machado. Esperamos com isso que as novas gerações de leitores conheçam este belo texto de Maria Clara e aqueles que já o conhecem possam desfrutar novamente do prazer de sua leitura.

Esta história de duas histórias, com coisas de gente e de fantasmas, mistérios e tesouros, medos e pastéis de ventos sudoeste já encantou muitas gerações, e é fácil saber por quê. Quando terminamos a sua leitura, ficamos maravilhados com a poesia do enredo e dos diálogos, as peripécias dos personagens e os sentimentos que nos desperta, tudo com a marca de Maria Clara: linguagem simples e direta. Esta história é como um tesouro que a gente guarda para sempre, você vai ver.

